

Covid-19: Comunicado público conjunto de todas as vinte sociedades científicas das especialidades médicas pediátricas:

É urgente controlar os nossos medos e levar a vida avante, pelo bem das crianças, pedindo a reabertura dos jardins-de-infância e das escolas.

Desde 26 de abril, a sociedade francesa de pediatria e todas as vinte sociedades científicas de especialidades médicas para a infância assumiram uma forte posição pelo regresso das crianças à escola, incluindo aquelas com doenças crónicas.

Quando é iniciado o desconfinamento gradual, é necessário constatar as muitas dificuldades para uma reabertura pragmática e sensata das escolas, que deve levar em conta tanto a necessidade de manter medidas essenciais de barreira à transmissão quanto a realidade da infância, feita de espontaneidade, brincadeiras, risos e choro.

Esses bloqueios são alimentados por medos e crenças não baseados na realidade e têm levado à aplicação de regras impraticáveis e potencialmente altamente provocadoras de ansiedade para as crianças.

As crianças não são os principais transmissores da epidemia

Hoje, as crianças estão a pagar um preço muito alto pela suposição inicial, de Fevereiro, de que elas eram o vetor principal da transmissão do vírus Covid-19, por analogia com outros vírus. Desde Abril, sabemos que não é o caso e que quase todas as crianças que foram infectadas com Covid-19 foram contagiadas por adultos. Encontrar os seus companheiros de brincadeira na escola não deve ser considerado como estar exposto a riscos específicos. É urgente lembrar que as comunidades de crianças, creches e salas de aula continuaram a existir durante o confinamento, para os filhos dos profissionais de saúde e muitos outros serviços essenciais. Nenhuma epidemia foi observada nesses grupos de crianças, enquanto a circulação viral foi forte entre os adultos.

Sintomas graves raros

A abertura de escolas é possível, porque agora e desde Abril, já sabemos que uma criança infectada com Covid-19 muito raramente desenvolve sintomas graves. Em França, os casos pediátricos (0 a 14 anos) representam 1% de todos os casos hospitalizados sintomáticos. A 5 de maio (dados SI-VIC, Santé Publique France), menos de 100 crianças foram hospitalizadas por uma infecção por Covid-19 com PCR positiva, incluindo 30 em cuidados intensivos. Foram relatadas duas mortes em crianças menores de 15 anos, com teste positivo Covid-19. Atualmente, casos com complicações inflamatórias tardias são descritos e estão sendo investigados, mas dizem respeito a um número limitado de crianças. Esses casos graves, todos dolorosos para as famílias envolvidas, devem ser levados em consideração entre as graves complicações e mortes associadas a vários outros agentes infecciosos, vírus ou bactérias, em crianças que ocorrem todos os anos. Por exemplo, em 2016, 40 crianças de 1 a 14 anos morreram de várias doenças infecciosas (INSEE).

A abertura de escolas é possível se os adultos apoiarem esse regresso à escola de maneira positiva

A exemplaridade deve ser sem faltas, começando com medidas de higiene e gestos de barreira. São os adultos que devem proteger as crianças de uma possível contaminação, preservando as interações de qualidade entre adultos e crianças, bem como entre as próprias crianças.

O retorno à comunidade deve ser organizado, ensinando gestos de barreira e outras precauções, que também serão muito úteis para impedir a transmissão dos vírus de inverno, como os da gripe, bronquiolite ou gastroenterite.

Essas medidas de barreira, para as crianças, incidem principalmente na lavagem das mãos com água e sabão.

Usar máscara em creches, jardins de infância e escolas básicas de 1.º e 2.º ciclo, pelas crianças, não é necessário, nem desejável, nem razoável.

Distanciamento excessivo é prejudicial

Medidas excessivas de distanciamento (como remover áreas de recreio, proibir as crianças de brincar umas com as outras ou recusar consolar uma criança) são desnecessárias para a redução da transmissão e são mesmo prejudiciais. Na prática, elas são claramente inaplicáveis e causariam uma ansiedade particularmente prejudicial ao desenvolvimento das crianças e geradores de distúrbios comportamentais potencialmente graves.

Essas medidas excessivas também fazem ainda perder o sentido e o empenho exigido aos cuidados com as crianças por funcionários das creches, jardins de infância e escolas.

A abertura de escolas e das associações também é essencial para terminar todos os efeitos prejudiciais do confinamento em certas crianças: abandono escolar, vítimas de maus-tratos, atraso na vacinação, interrupção do acompanhamento de doenças crônicas.

O verdadeiro risco para a criança nesta epidemia de Covid-19 é privá-la de um ambiente socioeducativo benéfico para o seu desenvolvimento e de acompanhamento médico preventivo essencial à sua saúde.

O desafio do regresso à comunidade é primeiro aprender a viver juntos sem medo excessivo do outro, a se abrir para o mundo através do brincar e aprender, em contato com outras crianças e adultos profissionais, atenciosos e responsáveis.

O regresso das crianças a uma vida coletiva deve ser feito de forma organizada. Uma boa colaboração entre todos os intervenientes é essencial para o seu sucesso. Vamos mostrar às crianças que sabemos como protegê-las e ao mesmo tempo permitir que continuem sendo crianças!

Signatários:

Prof Christophe Delacourt, Presidente da Sociedade Francesa de Pediatria,

Prof Christèle Gras-Le Guen, Secretário Geral da Sociedade Francesa de Pediatria,

Prof Emmanuel Gonzales, Presidente do Conselho Científico da Sociedade Francesa de Pediatria,

Prof Stéphane Auvin, presidente da Sociedade Francesa de Neurologia Pediátrica,

Dra. Martine Balençon, Presidente da Sociedade Francesa de Pediatria Forense,

Prof Pascal Barat, Presidente da Sociedade Francesa de Endocrinologia Pediátrica e Diabetologia,

Prof Brigitte Chabrol, Presidente do Conselho Nacional Profissional de Pediatria,

Robert Cohen, Presidente do Grupo de Patologia Infecciosa Pediátrica,

Albert Faye, Presidente do Grupo de Pediatria Tropical,

Virginie Gandemer, Presidente da Sociedade Francesa de Combate ao Cancro e Leucemia Infantil e do Adolescente,

Prof Michael Hofer, Presidente da Sociedade Francófona de Reumatologia e Doenças Inflamatórias em Pediatria,

Prof Etienne Javouhey, Presidente do Grupo Francófono para Reanimação e Urgências Pediátricas,

Dr. Fabienne Kochert, Presidente da Associação Francesa de Pediatria Ambulatória,

Prof François Labarthe, Presidente da Sociedade Francesa de Erros Inatos no Metabolismo,

Prof Elise Launay, Presidente do Grupo de Pediatria Geral,

Prof Emmanuel Mas, Presidente do Grupo Francófono de Gastroenterologia, Hepatologia e Nutrição Pediátrica,

Prof Despina Moshous, Presidente da Sociedade de Hematologia e Imunologia Pediátrica,

Dr. Sébastien Rouget, Presidente da Sociedade Francesa de Saúde do Adolescente,

Prof Jean-Christophe Rozé, Presidente da Sociedade Francesa de Neonatologia,

Prof Cyril Schweitzer, Presidente da Sociedade Pediátrica de Pneumologia e Alergologia,

Prof Jean-Benoit Thambo, Presidente da Sociedade de Cardiologia Pediátrica e Congênita,

Prof Michel Tsimaratos, Presidente da Sociedade de Nefrologia Pediátrica,

Dra. Nathalie Vabres, pediatra, co-redatora do comunicado

Nota: O ensino primaire, em França, vai até ao 6.º ano (até ao 2.º ciclo em Portugal) com crianças até 12 anos de idade.

https://www.sfpediatrie.com/sites/www.sfpediatrie.com/files/medias/documents/tribune_ecole_130520.pdf